



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal Do Paraná
Campus Medianeira



Lindaura Lopes Magalhães

**A AFETIVIDADE DO EDUCADOR CONTRIBUINDO NO
DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DO ALUNO**

MEDIANEIRA
2014

Lindaura Lopes Magalhães



A AFETIVIDADE DENTRO DAS COMPETÊNCIAS DO EDUCADOR
CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DO ALUNO

Monografia apresentada como requisito parcial para avaliação da disciplina de Metodologia da Pesquisa, do Curso de pós-graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná Medianeira - Campus Medianeira.

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos

EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA

MEDIANEIRA
2014



TERMO DE APROVAÇÃO

A Afetividade Dentro Das Competências Do Educador Contribuindo Com O
Desenvolvimento Escolar Do Aluno

Por

Lindaura Lopes Magalhães

Esta monografia foi apresentada às 20h00 do dia 24 de março 2014 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Pólo de Medianeira, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **aprovado**.

Prof^a. Me. Cidmar Ortiz dos Santos

UTFPR – Campus Medianeira
(Orientador)

Prof Me. Lairton Moacir Winter
UTFPR – Campus Medianeira

Prof^a. Me. Nelson dos Santos
UTFPR – Campus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

RESUMO

Lindaura Lopes Magalhães. A Afetividade Dentro Das Competências Do Educador Contribuindo Com O Desenvolvimento Escolar Do Aluno. 2014. 35 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

Este trabalho teve como temática um estudo sobre a afetividade dentro das competências do educador contribuindo com o desenvolvimento escolar do aluno, sendo relevante para o ensino escolar, que pode apresentar muitas complexidades relacionadas ao aprendizado, e muitas vezes estão relacionadas a fatores efetivos e emocionais. A desestrutura afetiva e emocional faz parte das vivências do mundo contemporâneo, sendo uma realidade influenciada, muitas vezes, pela industrialização, onde os parâmetros culturais de muitas famílias foram sendo modificados, alterando o cenário da responsabilidade, do afeto, do respeito e dos valores humanos e, de certa forma, estas transformações afetam o ambiente escolar. Esse estudo procura apresentar o campo da afetividade escolar na busca do desenvolvimento e aprendizagem dos educandos. Para fundamentar essa pesquisa, foi utilizado um referencial teórico bibliográfico para explicar os fatores da afetividade no campo escolar e entre professor e aluno, além de um estudo de campo utilizando os métodos de observação e entrevista a alguns alunos.

Palavras-chave: Afetividade. Escola. Aprendizagem. Desenvolvimento.

ABSTRACT

Lindaura Lopes Magalhães. A Afetividade Dentro Das Competências Do Educador Contribuindo Com O Desenvolvimento Escolar Do Aluno. 2014. 35 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

This work was themed as a study of affectivity within the competencies of the educator contributing to the educational development of the student , being relevant for schools , which can present many complexities related to learning , and are often related to emotional factors effective . The disrupts affective and emotional part of the experiences of the contemporary world , being a reality often influenced by industrialization , where cultural parameters of many families were being modified by changing the setting of responsibility , affection , respect and human values , and somehow these transformations affect the school environment . This study aims to present the field of affectivity school in the pursuit of development and learning of students . To support this research , we used a theoretical literature to explain the factors of affection in the school field and between teacher and student , as well as a field study using the methods of observation and interview some students will.

Keywords: Affection . School. Learning. Development.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
2.1	DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO ESCOLAR	9
2.2	COMPREENSÃO DAS EMOÇÕES E DESENVOLVIMENTO NA FASE DA ADOLESCÊNCIA	11
2.3	MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA.....	15
2.4	AFETIVIDADE E RELACIONAMENTO PROFESSOR E ALUNO	17
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	20
3.1	TIPO DE PESQUISA	20
3.2	POPULAÇÃO AMOSTRA.....	21
3.3	COLETA DOS DADOS	21
3.4	ANÁLISE DOS DADOS	22
4	RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
4.1	RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA.....	25
4.2	OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA COM OS ALUNOS.....	25
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS.....	30
	APÊNDICE.....	33
	APÊNDICE A: CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	34

1 INTRODUÇÃO

O quadro educacional nas instituições públicas apresenta certo nível de equilíbrio como a afetividade entre o educador e o aluno, são referências necessárias que qualificam as aprendizagens desenvolvidas no ambiente escolar. No entanto, os estímulos que envolvem as reações emocionais visam garantir a manutenção de comportamentos afetivos e que tem como foco o aprendizado do aluno além disso, existe uma série de diversidades que no entorno das convivências do educando, como por exemplo, muitos problemas do contexto familiar (rejeição, abandono, descaso, maus tratos entre outros), escolar (bullying, dificuldades de aprendizagens, dificuldades de inter-relacionamento e desmotivação) ou social (discriminação social, violência e criminalidade, falta de atendimento e assistência a saúde, condição inadequada de vida, passando por muitas dificuldades (alimentação, saneamento básico e moradia própria) sendo consideradas algumas especificidades que causam problemas emocionais e acabam abalando o interior do ambiente escolar e afetando o desenvolvimento do educando.

Assim, essas complexidades são oriundas do convívio familiar, escolar e social, que modificam o cenário escolar como um ambiente para a busca da solução de muitos problemas advindos de variados lugares como casa, empresa, igreja, instituições e toda sociedade.

Este estudo tem como objetivo apresentar a afetividade dentro das competências do educador como meio de contribuição para o desenvolvimento escolar do aluno, visando despertar o desejo de aprendizado e conseqüentemente influencia no desenvolvimento dos alunos.

A presente pesquisa tem por finalidade apresentar um referencial descritivo sobre a importância da afetividade dentro das competências do educador contribuindo com o desenvolvimento escolar do aluno.

Nas especificidades existentes no campo escolar como práticas escolares, processo de produção, compreensão teórica, existe uma série de contextos que relaciona a conduta do educador dentro dos princípios humanizados, que em virtude das problemáticas emocionais do educando, como a desmotivação e o desinteresse pelos conteúdos sistematizados, torna-se necessário ampliar as competências dos educadores (conhecimento, habilidades, atitudes) buscando a afetividade como

forma de construção para relacionamentos entre professor/aluno mais eficaz. Para tanto, levantou-se a problemática de como as competências do educador podem revelar a afetividade entre professor/aluno e melhorar o desenvolvimento escolar do educando?

Neste caso, as transformações fisiológicas de uma criança revelam traços importantes de caráter e personalidade. A raiva, a alegria, o medo, a tristeza têm funções importantes na relação da criança com o meio, a emoção causa impacto no outro e tende a se propagar no meio social, pois é altamente orgânica.

A criança que possui uma boa relação afetiva é segura tem interesse para adquirir novos conhecimentos e, portanto, tem um bom rendimento escolar.

Contudo, a competência do educador é um requisito para o desenvolvimento da metodologia em sala de aula, com seus conhecimentos teóricos para o domínio da disciplina e suas habilidades reveladas por meios do saber empírico dentro das perspectivas empáticas ou relativas e por outro lado a própria atitude do educador como meio de garantir o respeito, a confiança e buscar por meio desses quesitos, a motivação e o interesse pelo aprendizado escolar do aluno. As competências do educador requerem conhecimento suficiente para que o aluno possa se encantar pela matéria sistematizada e, por outro lado, contribuem com a idealização da educação escolar e a oferta de ensino com qualidade, com habilidade e domínio do professor para as complexidades existentes no ambiente escolar.

Assim, a afetividade passa a ser constituída de valores dentro de um patamar competente que leva o aluno ao conhecimento escolar e, de certa forma, busca o aprendizado por meio do seu relacionamento com o professor, a escola e a própria disciplina sistematizada.

Justifica-se este trabalho na importância de investigar e entender o uso da afetividade escolar, bem como para o conhecimento sobre os laços afetivos e as ferramentas que devem ser utilizadas como forma de unir o aluno ao aprendizado escolar.

O foco na afetividade é um quesito dentro das competências do educador, que revela as condições de aprendizagem dos alunos, como profissionais humanizados com capacidades de um olhar humanizado sobre a realidade de vida de seus educandos, bem como as necessidades expressas por eles dentro de um relacionamento político harmonizado e conseqüentemente que transmite necessidades e seguranças de um saber efetivo.

Entretanto a estrutura institucional volta-se para os procedimentos adequados ao Projeto Político Pedagógico, que evidentemente conceitua a classe econômica, as condições sociais e afetivas dos alunos, mas o trabalho de um educador vai além das diretrizes estipuladas pelo sistema de ensino; é um olhar humanizado, que irá refletir não somente no momento escolar, mas que se torna um referencial para o educando nas suas necessidades de aprendizado escolar bem como parte necessária que revela suas atitudes dentro das suas vivências sociais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E AFETIVO ESCOLAR

Todo processo educacional envolve especialidades no atendimento educacional como (Atendimento Educacional Especial) de diferentes patamares e multiplicidades de métodos que visam despertar no aluno o desejo pelo aprendizado escolar.

Segundo Alves (2012, p.20) toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência efetiva. “É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome”. Neste caso, o autor argumenta, não confundir afeto com beijinhos e carinhos. Afeto, do latim *afetare*, quer dizer ir atrás. O afeto é o movimento da alma na busca do objeto da sua fome. É o *Eros* platônico, a fome que faz a alma voar em buscado fruto sonhado (ALVES, 2012, p. 20).

Para que haja uma plena e construtiva interação no aprendizado, há a necessidade de um clima objetivo entre o mediador e o educando, isto liberta o aprendizado no processo de reflexões e compreensão dos conceitos propostos no campo educacional. É o grau de afetividade, justa, democrática e comprometida, construída no ambiente da sala de aula, que determinam e alavancam os avanços e as superações do dia a dia, ao longo do processo da aprendizagem. Esta afetividade sadia e desinteressada deve ser orientada sob tutela do professor, pois é ele o responsável.

Segundo Luckesi (1996) há a necessidade de um bom relacionamento na interação entre professor-aluno, no ambiente de ensino aprendizagem. Isto demanda uma postura, em que os alunos sentem o seu porto seguro. O nível dessa segurança é acentuado pelo grau de afetividade construído entre ambos.

Porém, o professor é o responsável por essa construção afetiva devendo dosá-la para que não se torne lados opostos, pois nesta afetividade, o aluno pode criar expectativa de professor bonzinho e esquecer-se dos critérios e afinidades do aprendizado democrático e formativo.

Segundo Litwin (2001), é comum em um clima de muita afetividade alimentar-se a ideia de que o professor não se envolve com o principal objetivo dos conteúdos. Contudo convém ressaltar que em uma pesquisa, isto propicia aos educandos a capacidade de expressarem suas ideias, livres e espontâneas, tornarem iniciativas, manifestarem suas opiniões, e tornarem o ambiente propício ao trabalho cooperativo.

Assim, as capacidades do educador (conhecimento, habilidades e atitudes) se fazem necessárias para o processo de ensino, buscando desenvolver os alunos dentro das realidades em que eles estão inseridos, na ênfase de torná-los sujeitos capazes de refletir suas aprendizagens, sendo a afetividade um campo explorado, para o desenvolvimento das capacidades de relacionamentos com o mundo cognitivo e afetivo, pois é nesse processo que o educador busca conhecer as características dos seus alunos, usando suas habilidades para construir fontes eficientes para o ensino.

Segundo Piaget (1974, p. 13) o desenvolvimento afetivo é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. Nesse caso, o processo cognitivo depende do psicológico que afeta a vida emocional e que de certa maneira está relacionado às condições emocionais de cada pessoa.

Ainda segundo Piaget (1974, p.13) o desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico, com este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio.

O autor então descreve a estrutura do desenvolvimento psicológico, que desde a concepção da vida é uma forma de aprimoramento, cheio de necessidades de bases, sendo um elemento fundamental para o desenvolvimento cognitivo.

Por outro lado, o processo de aprendizagem envolve metodologias relacionadas às capacidades dos educadores, que se baseiam nas competências existentes para manter este equilíbrio entre o aprendizado e o psicológico, sendo o fator que desenvolve laços de afetividade, que revela condições para uma formação humanitária e estruturalmente desenvolvida.

Segundo Perrenoud (1999, p.13) uma parte do corpo docente resiste de uma maneira ainda mais viva e negativa a esses enfoques emocionais, pois agora precisa lidar diretamente com eles. Ainda segundo Perrenoud, os sistemas educativos visam ao mesmo tempo, explicitar e avaliar de forma mais precisa as

competências propriamente profissionais dos professores e reformular os programas escolares no sentido de referenciais de competências.

O educador deve estar atento às necessidades individuais de cada aluno e perceber sua capacidade de aprendizagem dos conteúdos diante da sua estrutura psicológica de compreensão da disciplina, que envolve técnicas metodológicas adequadas para o aprendizado escolar.

Vygotsky (1988, p.110) ainda revela que as relações entre o pensamento e a linguagem são questões culturais na construção de significados, processo de internalização e ao papel da escola enquanto transmissora de conhecimentos.

Atualmente, a escola além de transmissora de conhecimentos ainda exerce uma série de outras funções que de certa forma interfere no aprendizado escolar. O intuito de adotar outras funções está na formação dos seus educando, num processo consciente e capaz de formar ideologias humanizadas.

Para Wallon (apud, DANTAS 1992, p.18) a afetividade tem papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais, como orgânicos e sociais. Neste caso, a afetividade é determinada pelo fator orgânico, como a primeira condição para o desenvolvimento do pensamento, passando através deste fator a ser influenciada pela ação em que representa ao meio social.

2.2 COMPREENSÃO DAS EMOÇÕES E DESENVOLVIMENTO NA FASE DA ADOLESCÊNCIA

Os sentimento interligados ao contexto do passado são lembranças que relacionam as experiências de fatos que aconteceram e podem ainda estar presentes no cotidiano do adolescente. Além de recordar alguns momentos antepassados, também pode expressar suas emoções por meio de linguagens oral ou gestual envolvendo o educando num processo de representação de valores e símbolos que descrevem sua personalidade dentro do contexto sócio-psicológico e cultural.

Vygostky (1998, p.46) analisa que essa mudança transforma a memória e passa a ser vista como pensamento. Ele ainda acrescenta que “para a criança pequena pensar é recordar, mas para o adolescente recordar é pensar”. A relação entre pensar e recordar faz parte das características do educando, que tem como

lógica a construção da sua própria identidade dentro das relações afetivas e sociais que teve no passado.

Wallon (1989, p.61) atribui imensa importância à emoção e à afetividade, criando conceitos a partir do ato motor, da afetividade e da inteligência. As interações são um processo natural para o desenvolvimento e para a manifestação das emoções.

Já com relação aos fatores emocionais, Vygotsky (2001) aborda vários momentos em que seus estudos associam o processo de desenvolvimento do indivíduo além das mudanças de comportamentos como situações estruturantes na interação do educando com o professor e sua socialização no ambiente escolar.

O comprometimento do educador como profissional, permite o desenvolvimento integral do aluno. Segundo Mello (2004), a escola, além de ser um ambiente em que a criança prosseguirá sua vida, é também um local onde dará continuidade no seu desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócioafetivo.

Segundo Wallon (*apud*, DANTAS,1992) a afetividade é anterior ao desenvolvimento, e as emoções têm papel predominante no desenvolvimento da pessoa, é por meio delas que o aluno exterioriza seus desejos e suas vontades.

Segundo Vygotsky (2001, p.143) “as emoções funcionam como um regulador interno do nosso comportamento e que associadas aos estímulos externos podem levar o homem a inibir ou exteriorizar essas ou aquelas emoções”.

As emoções associadas ao processo educacional também influenciam a forma do comportamento humano, inclusive nas relações entre o professor e o aluno, que muitas vezes por motivos emocionais podem causar indisciplina ou desmotivação para o aprendizado.

Neste caso, o educador além de trabalhar com seus conhecimentos sistematizados, também aborda suas habilidades para enfrentar as questões diversas ligadas aos fatores emocionais, que muitas vezes não estão necessariamente ligados ao contexto escolar, mas esses podem ser diversos, ligados aos relacionamentos amorosos, sexualidade, familiar, amizade e outros que interferem no comportamento emocional do adolescente.

As emoções, assim como os sentimentos e os desejos, são manifestações da vida afetiva. Na linguagem comum costuma-se substituir emoção por afetividade, tratando os termos como sinônimos. Todavia, não o são. A afetividade é um conceito

meio abrangente no qual se inserem várias manifestações (WALLON, 1979, apud GALVÃO, 2003, p.61).

A linguagem é fator determinante para o desenvolvimento do brincar, da memória, da percepção, da emoção, da imaginação, dentre outros fatores, isto pelo fato de que “é por meio da linguagem que a criança constrói a representação da realidade na qual está inserida” (JOBIM e SOUZA, 2001, p. 24).

Vygotsky (1996) fundamenta-se no fato de que o aprendizado conduz ao desenvolvimento, já que o comportamento humano funciona como uma superação/transformação/suscitação constante de aprendizado e desenvolvimento durante toda a sua existência. Salientando que a linguagem, como instrumento social de mediação entre eu e o outro, funciona como ponto de partida para o aprendizado e o desenvolvimento.

Piaget (apud, Rossini 2001 p.9) “parece existir um estreito paralelismo entre o desenvolvimento afetivo e o intelectual, com este último determinando as forma de cada etapa da afetividade”.

É no dia-a-dia escolar que a afetividade se torna a base sobre a qual se constrói o conhecimento, revelando o primeiro momento em que o professor conquista a confiança do aluno através de um diálogo afetivo para depois começar a ensinar, através de exercícios que desenvolvam o aluno.

Vygotsky (2001, p. 143) salienta que “nenhuma forma de comportamento é tão forte quanto aquela ligada a uma emoção”.

Assim, cabe ao educador analisar suas atitudes em sala de aula, fazer com que sua presença tenha importância relacionada às suas formas de lidar com determinadas situações adversas que estendem o contexto emocional do educando, e praticar formas que viabilizam a estrutura comportamental do educando, fazendo-o refletir sobre as circunstâncias abordadas.

De acordo com Cunha (2008, p. 67) “o que vai dar qualidade ou modificar a qualidade do aprendizado será o afeto”. São as nossas emoções que nos ajudam a interpretar os processos químicos, elétricos, biológicos e sociais, e as vivências das experiências do afeto é que determinará a qualidade de vida.

Para Vygotsky (1996) essa reflexão deve estar associada ao contexto humano.

O homem haverá de conquistar seu futuro com ajuda de sua imaginação criadora; orientar no amanhã uma conduta baseada no futuro e partir desse futuro é função básica da imaginação e, portanto, o princípio educativo do trabalho pedagógico consistirá em dirigir a conduta do escolar na linha de prepará-lo para o porvir, já que o desenvolvimento e o exercício de sua imaginação são uma das principais forças no processo de alcance desse fim (VYGOTSKY, 1996, p.108).

A educação escolar é também uma base para as perspectivas de vida do ser humano. As realidades são inseridas na própria reflexão do educando e na conscientização como base de suas vivências empíricas refletidas na construção do seu ideário. O ato de educar não se restringe somente à transmissão de conhecimentos, mas oportuniza o educando compreender a realidade aprendendo a buscar as suas próprias verdades.

Cabe ao professor, oferecer ao aluno a experiência da construção do seu próprio conhecimento utilizando-se de várias metodologias de ensino, inclusive a afetividade.

Segundo Cunha (2008, p.51) “o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que, muitas vezes, estão fechados às possibilidades acadêmicas”.

As realidades que envolvem o meio escolar podem estar ligadas aos conflitos familiares e pessoais e até comportamentos agressivos na escola, que para solucionar essas problemáticas utiliza-se uma ferramenta muito importante, o afeto, que sendo também desenvolvido em sala de aula, o professor fundamenta-se na atenção do aluno, minimizando muitos problemas emocionais do seu educando, além de romper bloqueios psicológicos e promover bem estar nos relacionamentos em sala de aula.

Saltini (2008, p.57) relata que é através da interação afetiva, do aluno com o professor e com seus colegas de classe, que ocorre a troca de informações através do diálogo, em que o aluno vai se desenvolver intelectualmente na interação das atividades.

O relacionamento afetivo no ambiente escolar, desperta confiança entre o educador e o aluno, além de proporcionar melhores rendimentos de aprendizagens, pois forma-se uma ligação de respeito e compromisso com a matéria e as atividades desenvolvidas no meio escolar.

2.3 MUDANÇAS E TRANSFORMAÇÕES NA ADOLESCÊNCIA

Rituais para marcar a chegada de uma criança à "maioridade" são comuns em muitas sociedades. Ritos de passagem podem incluir bençãos religiosas, separação da família, testes rigorosos de força e resistência, marcação do corpo de alguma forma ou atos de magia. O ritual pode ser realizado em uma determinada idade; por exemplo, as cerimônias de bar mitzvah e bat mitzvah marcam o momento a partir do qual um menino ou menina judia de 13 anos assume a responsabilidade de seguir a observância religiosa tradicional. Mas um ritual também pode estar ligado a um evento específico, como a primeira menstruação de uma moça, a qual, nas tribos Apache, é comemorada com um ritual de quatro dias de cânticos do amanhecer ao pôr-do-sol (PAPALIA, 2006, p.436).

Segundo Wallon (1979 apud GALVÃO, 2003, p.74) “o movimento é a base do pensamento e as emoções que dão origem à afetividade, sendo ela fundamental na constituição do sujeito”. O autor dá o exemplo de um bebê que ainda não desenvolveu a linguagem e que utiliza seu corpo por meio de contorções, espasmos e outras manifestações emocionais, para mobilizar os adultos a sua volta através do afeto.

Papalia (2006, p.437) descreve que nas sociedades industriais modernas, a passagem para a idade adulta reconhece um longo período de transição conhecido como adolescência, “uma transição no desenvolvimento entre a infância e a idade adulta que envolve grandes mudanças físicas, cognitivas e psicossociais inter-relacionadas”. Antes do século XX, as crianças das culturas ocidentais entravam no mundo adulto quando amadureciam fisicamente ou quando iniciavam um aprendizado vocacional. Hoje, o ingresso na idade adulta leva mais tempo e é menos bem-definido. A puberdade começa mais cedo do que antes, e o ingresso em uma profissão tende a ocorrer mais tarde, pois sociedades complexas exigem períodos mais longos de educação ou de treinamento profissional para que o jovem possa assumir responsabilidades adultas.

Conforme Galvão (2003, p.74) “diante da capacidade de modelar o próprio corpo, a emoção permite a organização de um primeiro modo de consciência dos estados mentais e de uma primeira percepção das realidades externas.”

O início da adolescência (aproximadamente dos 11 ou 12 aos 14 anos de idade), a transição de saída da infância, oferece oportunidades de crescimento - não

apenas em dimensões físicas, mas também em competência cognitiva e social, em autonomia, em auto-estima e em intimidade. Esse período também possui grandes riscos. Alguns jovens têm dificuldade para lidar com tantas mudanças de uma só vez e podem precisar de auxílio para superar os perigos ao longo do caminho.

A relação de afetividade é de grande importância para a cognição que é o fundamental na formação do indivíduo.

Wallon (2008, p.117) ressalta:

“o que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano especulativo não pode evidencialmente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social”(WALLON, 2008, p.117).

Para Wallon (2008), a personalidade é constituída por duas funções básicas: afetividade e inteligência. A afetividade é orientada para o mundo social, ou seja, para a construção do indivíduo. A inteligência, por outro lado, é orientada para o mundo físico, para a construção do objeto. Dessa forma, a afetividade assume um papel fundamental no desenvolvimento humano, pois determina os interesses e as necessidades individuais da pessoa.

O modelo histórico-cultural, os traços de cada ser humano estão intimamente relacionados ao aprendizado, à apropriação do legado do seu grupo cultural. O comportamento e a capacidade cognitiva de um determinado indivíduo dependerão de suas experiências, de sua história educativa, que, por sua vez, sempre terão relações com as características do grupo social e da época em que ele se insere. Assim, a singularidade de cada indivíduo não resulta de fatores isolados, mas da multiplicidade de influências que recaem sobre o sujeito no curso do seu desenvolvimento. (REGO, 2002, p. 50).

Segundo Ferreira et al (2010, p.4) o desenvolvimento da pessoa como um ser completo não ocorre de forma linear e contínua, mas apresenta movimentos que implicam integração, conflitos e alternâncias na predominância dos conjuntos funcionais.

A afetividade e a cognição ocorrem dentro desses movimentos que se integram ao longo dos estágios de desenvolvimento como o impulsivo-emocional, personalismo, puberdade e adolescência, nos quais predomina o movimento para si mesmo (força centrípeta) há uma maior prevalência do conjunto funcional afetivo,

enquanto no sensório-motor e projetivo e categorial, nos quais o movimento se dá para fora, para o conhecimento do outro (força centrífuga), o predomínio é do conjunto funcional cognitivo (FERREIRA et al, 2010, p. 4).

Segundo Vygotsky (2000, apud, ARANTES, 2003, p.18) quem separa o pensamento do afeto nega de antemão a possibilidade de estudar a influência inversa do pensamento no plano afetivo.

Neste caso, a vida emocional está conectada aos outros processos psicológicos que envolvem o desenvolvimento da consciência de um modo geral, dentro do contexto transformador do mundo infantil para o adolescente e assim, para um novo caminhar para o mundo adulto.

2.4 AFETIVIDADE E RELACIONAMENTO PROFESSOR E ALUNO

Os aspectos emocionais vivenciados em sala de aula permitem que o professor possa se aproximar mais do aluno, de forma a conhecer suas realidades, bem como compreender suas necessidades dentro do campo escolar.

Para Vygotsky (2000, p.146) o aspecto emocional do indivíduo não tem menos importância do que os outros aspectos e é objeto de preocupação da educação nas mesmas proporções em que o são a inteligência e a vontade.

A afetividade expressa pelo professor pode ser uma capacidade de descoberta do cálculo diferencial, sendo uma característica da prática do educador.

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. As reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo (VYGOTSKY, 2003, p.121).

Para o autor Vygotsky (2003) as reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo.

O profissional educador que tem um relacionamento que expressa a confiança de seus alunos, favorece a afetividade no ambiente escolar evitando bloqueios de aprendizagens e auxilia na socialização dos seus alunos, buscando o aprendizado com os próprios erros.

Os sentimentos e as operações intelectuais não constituem duas realidades separadas e sim dois aspectos complementares de toda a realidade psíquica, pois o pensamento é sempre acompanhado de uma tonalidade e significado afetivo, portanto, a afetividade e a cognição são indissociáveis na sua origem e evolução, constituindo os dois aspectos complementares de qualquer conduta humana, já que em toda atividade há um aspecto afetivo e um

O educando é visto, sim, como protagonista do processo de aprendizagem. Essa participação o motiva a permanecer no ambiente escolar e, mais que isso, reforça sua auto-estima na continuidade dos estudos – fator que incentiva o seu ingresso na universidade e, para isso, conta com caminhos indicados e apoiados pela equipe multidisciplinar da instituição. Também é inserida nesse método a integração da família à vida escolar (PERIOTTO, 2009, p.24).

Segundo Cunha (2008, p.69) é importante o professor saber realizar uma boa aula, transformando-a em uma rica experiência de aprendizado a qual vai deixar marcas positivas na vida do aluno.

Saltini (2008, p.100) argumenta que:

“a inter-relação do professor com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante, se dá o tempo todo, seja na sala ou no pátio, e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Essa inter-relação é o fio condutor, o suporte afetivo do conhecimento” (SALTINI, 2008, p.100).

Para Cunha (2008, p.91) em razão do conhecimento prévio do conteúdo, o professor possui o domínio da matéria e, por conseguinte, sabe como promover o aprendizado dos seus alunos.

Alves (2000, p.5) enfatiza que “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naquele cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra.

SILVA (2001) enfatiza que é importante que o professor seja um profissional que passa segurança para os alunos, e assim possa criar um ambiente de aprendizado tranquilo.

Assim, a afetividade se faz presente no cotidiano da sala de aula, seja pela postura do professor, pela dinâmica de seu trabalho ou nas interações entre sujeitos. Contudo, o professor que tem prazer profissional, provoca o afeto do grupo de alunos e provoca o interesse sendo a base do resultado dos conteúdos sistematizados, sendo fixados de forma concreta.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho foi composto por um referencial teórico abordado por meio de livros, revistas, jornais e internet, que tem com o objetivo explicar as bases norteadoras da afetividade e das competências do educador.

Segundo Rampazzo (2005), “pesquisa científica é aquela cujos resultados venham apresentar novas conquistas para uma determinada área do saber”.

Em seguida, será realizada uma pesquisa descritiva no Colégio Estadual em Ubitatã-PR, com a turma do 1º ano A do Ensino Médio na disciplina de matemática, com o intuito de explicar como as competências do educador podem revelar a afetividade escolar e melhorar o desenvolvimento escolar do aluno?

De acordo com Gil (1999, p.58) a pesquisa tem um caráter pragmático, é um “processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”.

Nesta investigação os dados serão apresentados por meio de gráficos, os quais irão pontuar a evolução das notas entre o primeiro e segundo bimestre na turma do 1º ano A, identificando os fatores metodológicos que abrangem a afetividade e as competências do educador que visam dinamizar o desenvolvimento dos alunos.

3.1 TIPO DE PESQUISA

A pesquisa descreveu a organização escolar, e avaliar as condições afetivas do ambiente escolar e social dos alunos, além de analisar as técnicas que ampliam as competências do educador de matemática em sala de aula.

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos sem manipulá-los. Procura descobrir, com a precisão situações e relações que ocorrem na vida social, política, econômica e demais aspectos do comportamento humano, tanto do indivíduo tomado isoladamente como de grupos e comunidades mais complexas. (CERVO E BERVIAN, 1996. p. 52-55).

Minayo (1993, p. 21) considera a “pesquisa como atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática

teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”.

Quanto aos fins foi desenvolvido através da abordagem descritiva, que para (Roesch, 2005, p.137) “pesquisa de caráter descritivo não procuram explicar alguma coisa ou mostrar relações causais, como as pesquisas de caráter experimental”.

Na abordagem descritiva, os dados são transpostos pelo pesquisador descrevendo os fatos ocasionados na observação realizada na sala de aula do 1º ano A, turno matutino, composta por 26 alunos. O mesmo irá descrever os resultados descrevendo passo à passo a avaliação da turma.

3.2 POPULAÇÃO AMOSTRA

A turma é composta por vinte e seis (26) alunos num todo, distribuída entre 12 meninas e 14 meninos, com realidades diversas, e apresentou um quadro de afetividade emocional carente em virtudes familiares, de acordo com levantamento realizado pela escola, e apontado pela pedagoga.

3.3 COLETA DOS DADOS

Quanto aos meios de investigação, foi utilizada abordagem de pesquisa de campo com entrevista com alguns alunos, e estudo de caso com base nos dados coletados, o que contribuirá para fundamentar a pesquisa.

O estudo de caso, na visão de Roesch (2005), “é uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto”.

Lakatos e Marconi (2001, p.16) dizem que “a finalidade da pesquisa é descobrir respostas para as questões por meio da aplicação de métodos científicos”.

O estudo de caso na visão de YIN (apud, Roesch, 2005, p.155) “é uma estratégia de pesquisa que busca examinar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto”.

Chizotti (apud, Barros e Lehfeld, 2000, p.95) caracteriza estudo de caso como:

Uma modalidade de estudo nas Ciências Sociais, que volta à coleta e ao registro de informações sobre um ou vários casos particularizados, elaborando relatórios críticos organizados e avaliados, dando margem à decisões e intervenções sobre o objeto escolhido para a investigação (BARROS & LEHFELD, 2000, p.95).

No estudo de caso, os dados são observados e anotados pela pesquisadora, buscando descrever todo processo de aprendizagem escolar, além de servir como fonte para a análise da pesquisa.

3.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram trabalhados por meio de dados primários e secundários. Para Cervo e Bervian (1996, p.56), “os dados primários são aqueles produzidos por meio de informações bibliográficas”.

Os dados secundários são de natureza qualitativa e sua análise foi feita primeiramente por meio da pesquisa observacional feita pelo pesquisador através do método de observação e entrevista, sendo em seguida apresentado em forma descritiva da entrevista.

Segundo Fourez (1995, p.37) uma observação é uma interpretação: é integrar uma certa visão na apresentação teórica que fazemos da realidade.

Ainda segundo o autor Fourez, a observação é considerada uma certa interpretação teórica não contestada, onde as teorias servem de base à interpretação.

Neste trabalho os métodos utilizados foram os dados secundários, que são de natureza qualitativa e sua análise foi feita pela transcrição dos dados coletados por meio da observação direta em sala de aula.

Segundo Mattar (2001, p. 18) dados secundários são “dados já coletados, tabulados, ordenados e, às vezes, até analisados e que estão catalogados à disposição dos interessados”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Dentro da análise sobre a contribuição da afetividade como competência do educador buscando o desenvolvimento e o aprendizado escolar do educando, foi feito o trabalho de observação realizada na classe do 1º Ano A, com adolescentes com idade média de 14 anos. Primeiramente foi observada a estrutura da sala de aula, constatando falta de interesse pela disciplina de matemática, desmotivação e indisciplina, principalmente pelo grupo dos meninos que deixam transparecer a inflexibilidade pelo aprendizado.

O conhecimento da professora da disciplina de matemática é muito amplo e abrangente que, além de ser formada na área de matemática, com especialização para este fim, participa dos Programas de Formação para Professores ofertados pelo Governo do Paraná tanto na disciplina específica como também no apoio à diversidade existente no contexto escolar.

Para melhorar essa realidade visualizada, foi realizado um estudo de campo, a professora sempre faz visita às famílias dos alunos, buscando compreender suas realidades, bem como ter maior proximidade com seus familiares e conhecimento sobre as vivências, os anseios, as necessidades e toda estrutura emocional, econômica, social e cultural que faz parte da vida dos seus educandos.

A participação dos pais deve se concretizar no auxílio à atuação pedagógica escolar. Isso implica propiciar à escola o suporte necessário para que a educação escolar seja o fruto de coordenação e coerência entre as atuações dos professores e da família (LÓPEZ, 2002, p.77).

Nessa primeira análise, foi possível observar a postura da professora diante da sua cumplicidade com o ensino escolar. Além disso, essa tarefa permitiu identificar sua competência enquanto educadora, que busca constantemente estar inteirada dos assuntos que correspondem a vida do aluno, não somente no âmbito escolar, mas também nas suas vivências em família e na sociedade, com as mudanças culturais relacionadas ao hábito familiar e com as transformações ocorridas na sociedade.

Dentro dessa observação é possível visualizar sua preocupação com as necessidades de cada aluno, bem como sua integração com a família de cada um, onde a professora anotou as dificuldades de cada aluno, alguns problemas

relacionados à falta de atenção e o interesse pela aprendizagem, as rotinas e o nível estrutural econômico das famílias.

Em declaração Paulo Freire argumenta:

Como professor é preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participa. Esta abertura ao querer bem não significa, que porque é professor tem que se obrigar a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, é preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 1993, p. 159).

Neste caso, a aproximação com as famílias visa construções democráticas de aprendizagens, onde tanto o educador desenvolve seus conhecimentos dentro da prática do aprender a aprender, como também a família se torna participativa da vida dos filhos na escola.

Segundo Knobel (1992, apud, BALTAZAR, 2006, p.29) “a família é um dos grupos primários e naturais da sociedade, nos quais o ser humano vive e consegue se desenvolver”. Por outro lado, Baltazar (2002, p.30) esclarece que a disfuncionalidade da família acarreta “filhos adolescentes carecendo de cuidados, começam, a apresentar problemas em casa, na escola, uso abusivo do álcool ou drogas e, se a família não responde ajudando a corrigir esse comportamento, acabam por adotar uma vida sexual promíscua, podendo, no caso das meninas, chegar à gravidez precoce” (BALTAZAR, 2002, p.30).

É certo que muitos problemas de aprendizagens na escola são influenciados por distúrbios familiares, falta de afeto e aconchego familiar, e quando o educador tem ciência dessas realidades pode além de conduzir seus conteúdos sistematizados de forma a contribuir com o educando, também com o seu olhar humano e acolhedor conduzir melhor suas formas de ensinar.

Segundo Mello (2004, p.18) “não dá para ensinar pensando apenas na cabeça do aluno, pois o coração também é importante”. Neste caso, tanto o conhecimento científico como o sensível é um requisito muito importante para controlar as ansiedades dos alunos com relação à disciplina, pois possibilita que suas vivências sejam relacionadas com os conteúdos sistematizados.

Rodrigues (2005) ressalta que o professor deve promover a colaboração dos pais, e que os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos. O autor ainda esclarece que a colaboração dos pais não significa responsabilidade pelo ensino, mas a oportunidade de exercitar e praticar o que a escola ensina, o que

segundo ele é um primeiro passo para a construção do sucesso escolar, a ação conjunta entre professores, alunos e seus pais.

4.1 RESULTADOS DA ENTREVISTA COM A PROFESSORA

Há vinte e cinco anos, a professora atua na rede Estadual de Ensino, nesse mesmo Colégio e, na sua ação como educadora, além de buscar maior proximidade com o aluno, utiliza-se de métodos lúdicos. Neste caso, a proposta da professora foi trabalhar algumas questões relacionando o cotidiano, como encartes de supermercados, lojas, farmácias, contas de telefone, luz, água e outras tarefas que interferem tanto na economia familiar, como também na estrutura político social das vivências das famílias e seres humanos.

A professora relatou que essa prática fez com que os alunos pudessem perceber a responsabilidade do ser adulto, o equilíbrio financeiro da família e a ausência de muitas mães que saem de suas casas para trabalhar, com o intuito de contribuir com o sustento do lar e garantir uma vida melhor para os filhos. Essa realidade mexeu com a vida de muitos alunos dentro de uma reflexão de valores tanto familiar como também escolar.

Alguns alunos que antes questionavam o porquê do aprender algumas contas matemáticas? Quando vamos utilizar essa matéria na nossa vida? Levando a desmotivação para os demais da sala de aula, compreenderam a importância da disciplina, da responsabilidade em questões de sobrevivência social e as necessidades que levam ao aprendizado de matemática.

A professora ainda revelou que, depois das visitas feitas nas casas dos alunos, eles se tornaram mais participativos, os pais e responsáveis comparecem mais à escola para saber da vida escolar do filho, além de demonstrar preocupação com o aprendizado e comportamento apresentado pelo educando. Ela salientou “é uma tarefa difícil e complexa, porém satisfatória”.

4.2 OBSERVAÇÃO E ENTREVISTA COM OS ALUNOS

Durante as aulas, foram registradas algumas observações que foram transcritas em forma de texto, abordando a afetividade da professora, logo após as

visitas para as famílias dos educandos. Ao longo das atividades propostas pela professora de matemática, os alunos foram se mostrando mais interessados pela disciplina, levando em consideração que a professora sempre procura expor as realidades das vivências com o cotidiano como uma proposta de incentivo ao aprendizado da disciplina.

Com isso, os alunos também têm demonstrado participação para as atividades escolares, não somente propostas em sala de aula, mas todas relacionadas ao contexto escolar. Também estão mais motivados a participar de olimpíadas de matemática e apresentações na escola.

Quando a professora, sem citar nomes, relaciona as vivências, os alunos procuram questionar, participar e dialogar sobre suas realidades, expondo muitas vezes seus anseios. Nesse caso, é através do diálogo que surge a confiança e marca um selo de relação afetiva entre professora e aluno.

Alguns alunos procuram a professora em horários de aula atividade ou intervalos de aula para dialogar sobre alguns assuntos que lhe despertou interesse e expectativas, ou até mesmo confidenciar suas realidades. É nesse enfoque que a afetividade faz parte do desenvolvimento do educando, influenciando no interesse pela disciplina de matemática, no aprendizado e nos relacionamentos com os colegas e professores.

As atividades observadas das competências do educador constituem fortes veículos para a afetividade. Com as primeiras atitudes de visita da professora às famílias dos seus educandos, formou-se um laço de relacionamento e amizade dentro das estruturas escolares; além disso, possibilitou à educadora habilidades nas metodologias usadas em sala de aula para despertar o interesse e o aprendizado da disciplina de matemática, importante conhecimento, que abrange muitos aspectos tanto empíricos sobre o conhecimento da realidade, como também o científico envolvendo as capacidades da aprendizagem das fórmulas e números que envolvem o estudo da matemática. Tais competências, estabelecem grande cumplicidade no processo de aprendizagem sendo expostas em alguns comentários como segue:

Sujeito 1 – Consigo aprender com as explicações da professora. Ela explica a importância do conteúdo e ainda fala quando vamos utilizar os cálculos que estamos desenvolvendo.

Sujeito 2 – O conhecimento da professora é amplo, além de ensinar ela pratica várias atividades que relacionam a mesma matéria usando fórmulas diversas e explicando as várias formas de resolver as questões da disciplina.

Sujeito 4 – Ela é minha amiga. Faz visitas pra minha mãe na minha casa e conversa muito com nós. Minha mãe disse que ela é muito boa professora. Então quando não entendo muito bem a matéria, não tenho vergonha em perguntar.

Sujeito 8 – Quando tenho dificuldades pra fazer os cálculos ou interpretar a matéria, ela sempre vem na carteira e explica novamente até eu entender e aprender a fazer os cálculos.

Sujeito 9 – Sempre procuro a professora para dialogar, porque tenho confiança e gosto das suas atitudes. Ela sempre está disposta a colaborar e seus conselhos são sempre construtivos.

Sujeito 10 – Aprendi a gostar da matemática pela explicação da professora. Ela é capaz de me fazer compreender a importância de aprender a matéria para minha vivência no dia a dia.

Sujeito 18 – Sempre que a professora conversa com meus pais ela fala das minhas qualidades, e sempre fala que posso superar minhas dificuldades se eu tiver interesse. Ela sempre motiva ao aprendizado.

Sujeito 20 – Gosto dos métodos de ensino da professora, ela usa jogos e outras atividades do dia a dia pra ensinar a matéria de matemática e eu consigo entender as matérias.

Sujeito 23 – Ela sempre sabe o que fazer quando não compreendemos a matéria. Sua habilidade de relacionar nossas ideias e expectativas faz com que eu possa ter interesse ao aprendizado escolar.

Os alunos apontaram a afetividade como uma aproximação com as convivências da família e as relações de valores e culturas que interferem no cotidiano escolar. Soifer (1983, apud, BALTAZAR, 2006, p.27) psicanalista e pesquisadora da área infanto-juvenil, aborda algumas considerações familiares que podem desencadear problemas com a aprendizagem.

“Ela cita alguns exemplos como: separação conjugal, morte de um dos cônjuges e de algum familiar mais próximo às crianças e jovens, prisão de um dos pais, enfermidades na família, gestação e adoção indesejadas, muitas mudanças de residências, migrações no próprio país, pais alcoolistas, usuários de drogas e outras” (SOIFER, 1983, apud, BALTAZAR, 2006, p.27).

Muitas dessas problemáticas apresentadas pela autora Soifer fazem parte do convívio escolar e são fatores agravantes para o desenvolvimento das aprendizagens, para os casos de indisciplina e até mesmo de manifestações de agressividade no meio escolar.

Neste caso, quando a professora detecta alguns desses fatores em alguma família, ela usa sempre uma forma de dialogar com o educando, buscando passar a compreensão das realidades e uma conversa sobre como lidar com essas situações e até mesmo encaminhando o caso do aluno a um profissional da área que pode contribuir com a superação do problema apresentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo teve como abordagem a afetividade do educador contribuindo com o desenvolvimento do aluno, bem como apresentar as competências do educador como uma abordagem para a estrutura das relações de afetividade entre o professor e aluno.

Nesse intuito, as competências do educador como o conhecimento, é um fator determinante para a afetividade, pois é através da sabedoria que se formam laços de confiança. Além disso, as habilidades em lidar com as diversidades em sala de aula e no ambiente escolar fazem parte das realidades empíricas do educador. Entretanto, as atitudes revelam o ponto estratégico, onde o professor pauta-se nas realidades e vivências de seus educandos na busca do seu maior desenvolvimento envolvendo-os na aprendizagem, buscando superar as dificuldades da compreensão da matemática.

Para isso, buscou respostas para a hipótese levantada sobre as competências do educador, a afetividade entre professor/aluno e o melhor desenvolvimento escolar do educando.

Foi possível visualizar que, com as visitas às famílias dos alunos, estes se sentiram motivados pela disciplina e mais interessados com relação às atividades que envolvem o contexto escolar. Também por meio de relatos, fica evidente que os alunos compreenderam a importância do aprendizado dos conteúdos sistematizados de matemática na busca da interação entre as realidades vivenciadas e os conteúdos propostos em sala de aula.

Com relação às competências do educador, as atitudes da professora e o tempo de serviço dizem respeito às suas experiências e suas capacidades de trabalhar as matérias em sala de aula. Dentro dessas competências, o envolvimento e o comprometimento com os alunos e famílias correspondem às necessidades do professor conhecer seus alunos, suas bases e suas famílias na busca de caracterizar a formação das ideologias e identidades individuais.

Contudo, é possível estimular o conhecimento e aprendizagem dos educandos por meio das competências e a afetividade do professor, que por sua vez, envolve-se na busca de maiores resultados no campo escolar e maiores aprendizagens.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubens. **O desejo de ensinar e a arte de aprender**. Fundação Educar Spaschoal 4ª Ed. Silvamar, 2012.

ARANTES, V. A. **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Atlas, 2003.

BALTAZAR, José Antônio; MORETTI, Lucia Helena Tiosso; BALTAZAR, Maria Cecília. **Família e escola: um espaço interativo e de conflitos**. São Paulo: Arte & ciência, 2006.

BARROS, Aidil P. de; LEHFELD, Neide Ap. de S. **Fundamentos da metodologia: um guia para iniciação científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2000.

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica para uso dos estudantes universitários**. 3 ed. São Paulo: Mac Graw, 1996.

CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e Aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Wak 2008

DANTAS, H. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. São Paulo: Summus, 1992.

FERREIRA, A. L.; ACIOLY-RÉGNIER, N. M. **Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação**. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

FOUREZ, Gerárd. **A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1983. Coleção Educação e Comunicação vol. 1.

GALVÃO, I. Henry Wallon: **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. (Coleção Educação e Conhecimento). Petrópolis: Vozes, 2003.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1999.

JOBIM e SOUZA, Solange. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 6. ed. São Paulo: Papirus, 2001.

LAKATOS, E; MARCONI, M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2001.

LITWIN, E. **Tecnologia educacional. Política, histórias e propostas**. Ed. Artes Médicas, 2001.

LÓPEZ, J. S. **Educação na Família e na Escola: O que é, como se faz.** São Paulo: Áries Loyola, 2002.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições.** São Paulo: Cortez, 1996.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento.** São Paulo: Hucitec, 1993.

MELLO, Guiomar Namó de. **Educação e Sentimento. É preciso discutir essa relação.** Revista Nova Escola, Outubro/2004.

PAPALIA, Diane E. **Desenvolvimento Humano.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Artmed, 2006.

PERIOTTO, S. **Manual da Pedagogia do Afeto e Pedagogia do Cidadão Ecumênico.** São Paulo: Editora Elevação, 2009.

PERRENOUD, P. **Construir as competências desde a escola.** Artmed, 1999.

PIAGET, Jean. **A Epistemologia Genética e a Pesquisa Psicológica.** Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

_____ **Problemas de Psicologia Genética.** In:PIAGET, Jean. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

RAMPAZZO, L. **metodologia científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação.** 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2005.

REGO, Teresa C. **Configurações sociais e singularidades: o impacto da escola na constituição dos sujeitos.** In: OLIVEIRA, M. K. de; SOUZA, D. T. R.; REGO, T. C. (Orgs.). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea.** São Paulo: Moderna, 2002.

RODRIGUES, A. M. **Indivíduo, grupo e sociedade: estudos de psicologia social.** São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2005.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração.** 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2005.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e Inteligência.** Rio de Janeiro: Wak, 2008.

SILVA, João Roberto. **A mediação e o processo de mediação.** São Paulo: Paulistanajur Ltda., 2001.

VYGOTSKY, L. S. & LÚRIA, .A . R. & LEONTIEV, A . N. **Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem.** Tradução Maria da Penha Villalobos. Ed. Ícone, São Paulo, 1988.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **La imaginación y el arte em la infância.** Madri: Akal, 1996.

_____. **O desenvolvimento psicológico na infância.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WALLON, Henry. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada.** Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **As origens do pensamento na criança.** São Paulo: Manole, 1989.

Revista Eletrônica Saberes da Educação – Volume 4 – nº 1 - 2013 .

APÊNDICE

APÊNDICE A: CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

Tabela 01: Atividades a serem desenvolvidas no projeto de pesquisa e na monografia.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	Ano: 2013											
	Meses											
	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12
Elaboração do projeto			X	X								
Entrega do projeto				X								
Análise e aprovação do projeto				X								
Realização da pesquisa				X	X							
Atividade de orientação					X	X	X					
Orientação para elaboração do relatório da pesquisa				X	X	X	X					
Elaboração do relatório da pesquisa (monografia - versão preliminar)				X	X	X	X					
Entrega do relatório da pesquisa (monografia - versão preliminar)						X	X					
Apresentação da monografia						X	X					
Correção e entrega da monografia (versão final)						X	X					